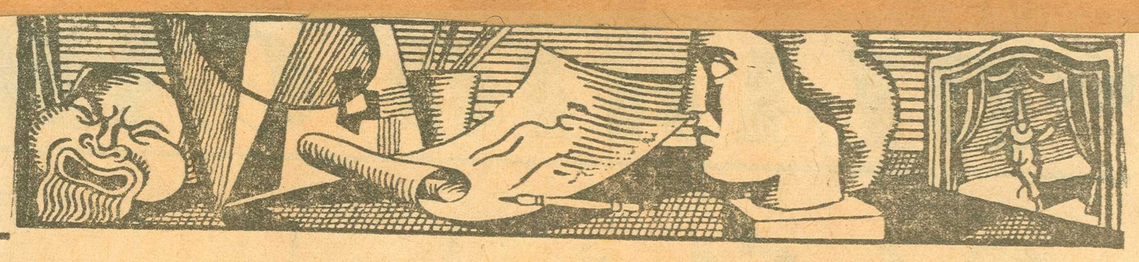


POESIA E CIÊNCIA

Sérgio Buarque de Holanda

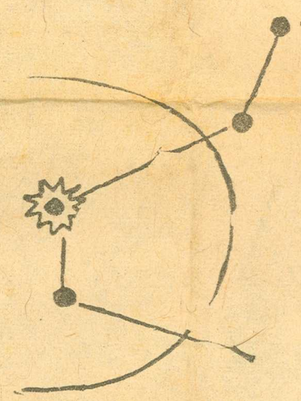
NUMA das páginas da sexta série de seu *Jornal de Crítica*, ultimamente editado pela Livraria José Olímpio, o sr. Alvaro Lins sugere um estudo sôbre Manuel Bandeira onde se tente explicar tôda a obra dêste poeta através de um só dos seus versos. O ensaio, escreve, tomaria então a forma de várias linhas convergentes para êsse trecho chave, que seria um verso isolado e explicativo.

Não sei até que ponto, em estudo dessa natureza, seria possível a um crítico, mesmo a um crítico tão sagaz e experiente como o sr. Alvaro Lins, evitar o perigo da valorização extremada do "tema" poético em detrimento de outros aspectos técnicos, formais, "artísticos", que precisamente na obra de Manuel Bandeira assumem singular importância, ainda quando pouco aparente. Eu diria mesmo que, no caso, a importância de tais aspectos será tanto mais singular quanto menos aparente.

Os riscos que acarretaria a tentativa proposta pelo autor do Jornal de Crítica hão de ser ainda mais manifestos na análise da poesia, quando a idéia que a inspira fôr expressa nos termos em que a exprimiu Pascal: "Tout auteur a un sens auquel tous les passages contraires s'accordent, ou il n'a pas sens du tout."

Pensado em pleno século do classicismo o aforisma não teria dificuldades em ganhar largo crédito. Seria aplicável ao filósofo tão bem quanto ao poeta, pois que êste pretendia ensinar deleitando. E as regras da boa poesia não passavam a bem dizer de uma toilette das idéias, na verdade incompreensível sem elas. Estaria fatalmente condenado o autor, poeta ou filósofo, cujos escritos não encerrassem nenhum sentido, ou onde o sentido fôsse simplesmente equívoco.

Ora, o terrorismo romântico, ainda quando não o pretendesse expressamente, redundou numa inversão meticulosa dessa atitude. Hoje o misterioso "componente estético" prevalece decisivamente sôbre as idéias e nada mais intolerável nos poetas do que a "heresia didactica". A vertigem e a confusão voluntàriamente cultivadas, alçaram-se ao primeiro plano. As próprias idéias devem ser de preferência vertiginosas, isto é, inimigas de tôda placidez e irredutíveis a qualquer medida universalmente válida. Houve tempo em que dizer de um autor que não se afastava do convencional e das regras do senso comum



era o melhor modo de enaltecê-lo. Entre nós, um Joaquim Nabuco ainda pôde escrever de certo parlamentar do império, que tinha a arte consumada do lugar comum oportuno, e entrava nisto um louvor. Hoje seria um apodo.

A AUSÊNCIA de padrões definidos há de resultar, assim, na ausência de critérios universais de julgamento. A crise nas letras gera a crise na crítica. Quando personalidade, novidade, originalidade, se convertem em última instância para os julgamentos é em vão que se procurará o terreno ideal onde todos falem na mesma língua. Julga-se o autor, não a obra. Resta aos analistas, quando não queiram satisfazer-se com algum vago impressionismo, fixar e defender seus critérios particulares e frequentemente falíveis em face de cada obra.

Há quase trinta anos discutiu-se longamente, entre Mário de Andrade e o sr. Prudente de Morais, neto, sôbre se a arte corresponde a uma necessidade de comunicação ou simplesmente a uma necessidade de expressão. E não há muito travou-se debate semelhante, onde estêve envolvido êste cronista, acêrca da ambiguidade ou não ambiguidade na linguagem poética. E' certo, como sempre acontece, que nenhum dos debatedores pôde convencer, nesses casos, ao seu interlocutor. Mas a discussão há de ter servido para firmar posições e definir perspectivas talvez utilizáveis. Em alguns casos serviu também para sugerir soluções apenas ilusórias, como aconteceu a um ilustre comentador no último daqueles debates. O qual julgou ter definido o traço distintivo da linguagem poética rotulando-a com uma simples palavra mágica: "encantação". No entanto, parece claro que dar nome ao mistério não é exatamente o mesmo que resolvê-lo.

Também não é resolvê-lo tentar definir o mesmo mistério segundo pretensas características genéricas que o façam docil a uma abordagem científica. Qualquer abordagem rigorosamente dessa natureza depende de dados positivos, suscetíveis de verificação. "O romance *Esperidião* do sr. Benedito Valadares custa tantos cru-

(Conclui na 7ª. página)

continua no verso

☆

POESIA E...

(Conclusão)

zeiros nas livrarias". Uma afirmação assim tem sentido. Dizer, porém, de *Esperidião* que é inferior a *Guerra e Paz* de Tolstoi é um não-senso, pois que tal afirmação não pode ser objetivamente comprovada. Essas considerações, com a simples mudança de um nome, estão no livro onde um néo-positivista — Edward M. Maisel — procura mostrar o que há de extracientífico em quase tôda a crítica literária e em tudo quanto se refere aos julgamentos estéticos e de valor. E estou bem perto de crer que essa posição, em face das questões de arte e literatura, é a mais perfeitamente coerente num adepto de teorias rigorosamente "científicas".

NO Brasil uma atitude positivista semelhante, pôsto que menos radical, é representada atualmente pelo sr. Eurialo Canabrava. Sua posição de independência em face do neo-positivismo do círculo de Viena tem sido reiteradas vêzes confessada, é certo, para não se traduzir numa funda divergência com tal doutrina. E em artigo recente êle se revolta acremente contra aquêles que procuram filiar todos os movimentos logísticos e de lógica simbólica, em particular suas próprias idéias, aos achados da escola vienense, esquecidos de Boole e até de Leibnitz. Contudo a confusão se não é desculpável é explicável, quando se considere que sem o influxo decisivo do "círculo" é muito provável que nenhum daqueles movimentos existiria em sua feição atual. Assim como, sem a obra básica de Russell e Whitehead, publicada já no segundo decênio dêste século e que tanto estimulou as teorias logísticas, inclusive as do positivismo lógico, poucos filósofos se lembrariam de invocar os nomes de Boole e de outros precursores.

Não há engano em atribuir-se a tais tendências como já tem sido feito a propósito de Russell, o nome de positivismo e até de néo-positivismo uma vez que se evitem confusões, onde necessário, com o da escola de Viena. Tôdas elas, com efeito, reconhecem, em harmonia com os demais positivismos e em contraste com outras tendências, a valia exclusiva de métodos rigorosamente científicos e reconhecem mais a presença (no caso do sr. Canabrava a presença por exemplo de juízos de valor estético) de certos territórios inóspitos para uma genuina pesquisa.

EM comentário recente esbocei uma aproximação entre as teorias do sr. Eurialo Canabrava e as de outro autor que — informa-nos êle — "se notabilizou recentemente pela sua profissão de fé antipositivista". Êsse outro autor é o professor F. S. C. Northrop, da Universidade de Yale, e a profissão de fé estaria implícita em seu livro *The Meaning of East and West*, publicado em 1946. Parece-me, no entanto, que há alguma coisa de excessivo naquela palavra "antipositivista". Pois ainda mais recentemente, em outro livro que o sr. Canabrava bem conhece — *The Logic of Sciences and Humanities*, de 1948, — Northrop definiu bem sua posição, que não é a de um antipositivista. Reconhece mesmo e de modo expresso, os grandes méritos do positivismo lógico dentro dos limites que êle mesmo se impõe. Sòmente trata de deitar água ao vinho, rompendo êsses limites e ampliando o âmbito da lógica a fim de que possa abranger tôdas as formas de conhecimento: as da religião e as da arte, tanto quanto as da ciência pròpriamente dita depois de distinguir entre o que chama conceitos de postulação e conceitos de intuição.

Um esfôrço paralelo a êsse, embora nitidamente independente, é o que vai levando, entre nós, o sr. Eurialo Canabrava à tentativa de superar o formalismo do círculo de Viena sem deixar de admitir sua alta importância. Já no Congresso de Filosofia reunido em São Paulo, e suponho que antes, êle preconizara o reconhecimento de um método genético-fundional ao lado do método matemático-formal da ciência pròpriamente dita.

Não ousarei pronunciar-me sôbre a legitimidade de tão denodado esfôrço, que escapa evidentemente à minha competência e que antes de imprimir-se o seu livro, já anunciado, sôbre a natureza da filosofia, só me é dado conhecer de modo fragmentário. Só sei dizer que nos fragmentos até agora publicados sôbre a linguagem poética — e também sôbre a História, embora neste ponto êle não se tenha explicado cabalmente — essa extensão de certos métodos científicos aos problemas de poesia e literatura vem sendo obtida à custa de uma simplificação dificilmente aceitável dêsses mesmos problemas.

Resta a esperança, por ora um pouco vaga, de chegarmos a pisar terreno mais sólido na hora ditosa em que fique amplamente esclarecida a ambiguidade da própria palavra, ambiguidade que, em suas teorias, designa um traço essencial da poesia. E talvez ainda a ambiguidade da ambiguidade dessa ambiguidade. Até lá teremos honestamente de convir em que neste mundo tudo, ao cabo, é ambiguidade, como já o quis dizer, há mais de três mil anos, o rei Salomão.

Remessa de Livros: rua Haddock Lobo, 1625 — São Paulo.